

A ÁGUA E O DESERTO: A RELIGIÃO EM DUNA (1965) E O USO DA OBRA NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

WATER AND THE DESERT: THE RELIGION IN DUNE (1965) AND THE USE OF THE WORK IN TEACHING HISTORY IN PRIMARY EDUCATION

Marissol da Câmara Oliveira¹⁰¹

Ana Livia Bonfim Vieira¹⁰²

Recebido em 31 de março de 2025

Aceito em 30 de abril de 2025

RESUMO

O presente artigo visa elaborar um panorama sobre a religião fremen presente no livro de ficção científica *Duna* (1965), de Frank Herbert, e como os elementos da trama têm uma conexão intrínseca com o mundo real. Assim como também pautar o uso dessa obra em sala de aula na educação básica já que os alunos têm, cada vez mais, recebido uma influência da cultura *pop* e a carregado para dentro da sala de aula.

Palavras-chave: Duna. Ficção científica. Religião.

ABSTRACT

This article aims to provide an overview of the Fremen religion present in the science fiction book *Dune* (1965), by Frank Herbert, and how the plot elements have an intrinsic connection with the real world. It also aims to guide the use of this work in the classroom in basic education, since students have increasingly been influenced by pop culture and have carried it into the classroom.

Keywords: Dune. Religion. Science fiction.

INTRODUÇÃO

A obra *Duna*, de Frank Herbert (1920-1986), foi publicada oficialmente em 1965 após dezenas de tentativas de publicação, pela Chilton Books, uma editora que não faz parte do mercado consagrado da literatura. Antes disso, Frank Herbert nos apresentou uma primeira versão do que viria a ser *Duna*, serializada

¹⁰¹Graduanda de Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3117-8405>

E-mail: marissolcoliveira@gmail.com.

¹⁰² Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8946-2161>

E-mail: analiviabv@gmail.com.

pela *Analog Science Fact - Science Fiction* em três números, de dezembro de 1963 e fevereiro de 1964.

Na ocasião, a *Analog* era editada por John W. Campbell, a principal referência de ficção científica do período e que havia sido de grande importância para outros autores que já eram bastante conhecidos na época. O que Frank Herbert ainda não sabia, mas talvez já imaginasse, é que seu livro faria grande sucesso entre a sociedade da época (e não só ela), com seu livro ganhando o prêmio Nebula em 1965 e Hugo em 1966, uma das maiores premiações literárias de então.

Hoje, *Duna* continua sendo uma obra reconhecida, de caráter atemporal e uma das ficções científicas mais comentadas atualmente, junto com universos similares (e diga-se de passagem, posteriores) como *Star Wars* e *Star Trek*.

O autor, Frank Herbert, viveu os momentos da Segunda Guerra Mundial e serviu na marinha como fotógrafo, devido a experiências anteriores em um jornal local onde morava. Começou a faculdade na Universidade de Washington, mas de acordo com a biografia escrita por Brian Herbert, *Dreamer of Dune: The Biography of Frank Herbert*, ele não chegou a terminar nenhum curso, pois só estudava o que lhe interessava.

Após encerrar com a universidade, voltou ao jornalismo, e nesse período, publicou vários contos de ficção científica antes de começar a pensar em *Duna*, em 1959 (Herbert, 2003). Herbert contou em uma entrevista com Willis E. Mc Neilly, então editor na época, que sua obra teve início quando ele deveria escrever um artigo sobre dunas de areia de Florence, no estado de Oregon, mas ficou tão envolvido e empolgado que voltou com muito mais material do que seria necessário para um artigo sobre dunas. Ele nunca foi escrito, mas serviu de base para as ideias que levaram a *Duna* (Herbert, 2003).

Frank Herbert escreveu ainda outros 5 livros dentro do universo de *Duna*, são eles: *Messias de Duna* (1969), *Filhos de Duna* (1976), *Imperador Deus de Duna* (1981), *Hereges de Duna* (1984) e *Herdeiras de Duna* (1985). Após seu falecimento em 1986, seu filho Brian Herbert (1947-) e Kevin J. Anderson (1962-

), passaram a lançar novos livros construídos a partir das anotações e esboços que Frank Herbert deixou.

Neste artigo, tratarei apenas sobre *Duna*, o primeiro livro, deixando de lado as adaptações posteriores para a televisão, como o filme de David Lynch, de 1984, a minissérie de TV de 2000, o filme de Denis Villeneuve de 2020 e a lançada neste ano, série *Duna: A profecia* e os livros escritos por Brian e Kevin.

A obra é dividida em três partes, sendo: 1 - *Duna*, 2 - *Muad'Dib* e 3 - *O Profeta*, e possui três apêndices 1 - *A ecologia de Duna*, 2 - *A religião de Duna* e 3 - *Relatório acerca dos motivos e propósitos das Bene Gesserit*. O livro também conta com um dicionário intitulado *Terminologia do Imperium*, que define os termos e palavras utilizados no universo de *Duna* ao longo do livro. Os apêndices tratam de esclarecer alguns elementos presentes na história, como a importância da ecologia no planeta Arrakis, a religião que é praticada lá, pelo povo fremen¹⁰³, e a ordem das Bene Gesserit¹⁰⁴, e a religião que elas também praticam.

Partindo para o conteúdo da obra, *Duna* se passa em um futuro distante, mais precisamente 10 mil anos depois do *Jihad Bluteriano*¹⁰⁵, no planeta desértico Arrakis, também conhecido como Duna. Dentro de um universo feudal interplanetário, onde casas nobres tradicionais governam os planetas conquistados pelo Império, o livro acompanha o jovem herdeiro Paul Atreides, de Caladan, um lugar de grandes riquezas hídricas.

A trama começa quando o seu pai, duque governante de Caladan, Leto Atreides, recebe a ordem do imperador *Padishah Shaddam IV*¹⁰⁶ de sair da governança de Caladan e passar a controlar Arrakis, para substituir seus rivais mortais de outra casa nobre, os Harkonnen. O planeta Arrakis é o único que produz o recurso natural que faz as rodas do universo de Duna girarem: a especiaria chamada de *mélange*, capaz de tornar possível a viagem entre

¹⁰³ Esclarecimentos acerca desse povo serão feitas ao longo deste artigo.

¹⁰⁴ Uma escola de treinamento físico e mental para apenas mulheres, composta por nobres, cientistas e teólogas que influenciam o meio político de *Duna* visando o avanço da humanidade.

¹⁰⁵ "A cruzada contra computadores, máquinas pensantes e robôs conscientes... Seu principal mandamento continua na Bíblia C.O.: "Não criarás uma máquina para imitar a mente humana" (HERBERT, 1965, p. 29).

¹⁰⁶ O governador de todo o Imperium, chefe da casa Corrino.

planetas, o retardo do envelhecimento e a presciência, utilizada pelas ordens presentes no livro, como as Bene Gesserit e os Navegadores da Guilda¹⁰⁷.

Leto Atreides aceita a ordem, sabendo que se tratava de uma armadilha liderada pelo imperador *Padishah* e pelo Barão Vladimir Harkonnen, o líder da casa inimiga dos Atreides, para fomento de sua morte, visto que ele também poderia ocupar o trono do imperador, por ser seu parente próximo. Paul, junto com seus pais e o restante da casa Atreides, se muda para Arrakis, e lá descobre que sua vida vai mudar completamente, com o seu pai traído e morto, sua casa fragmentada e fugida para cantos remotos de Arrakis.

O planeta Duna carrega com ele um importante povo na trama: os fremen. Fortemente oprimidos pelos Harkonnen, que governaram o planeta por séculos, esse é um povo não nativo de Duna, ao contrário do que muitos pensam, mas sim um que se estabeleceu lá depois milhares de anos de peregrinação dos Zen-sunitas após perseguições nos diversos planetas que passaram.

De acordo com a própria Terminologia do Imperium, os fremen são “os seguidores de uma seita cismática que se desviou dos ensinamentos de Maomé (o chamado “Terceiro *Muhammad*”) por volta de 1381 a. G. A religião zen-sunita destaca-se principalmente por sua ênfase no misticismo e por um retorno aos “costumes dos antepassados” (Herbert, 1965). Eles vivem no deserto profundo, e aprenderam a se adaptar às extremas condições que o deserto impõe, através de um amplo histórico de perseguição ao longo de toda a sua existência. Os fremen são um povo versado no combate, fazendo com que eles sejam guerreiros habilidosos tanto quanto ou mais os *Sardaukar*, os fanáticos-soldados do imperador *Padishah Shadam IV*.

Eles vivem em aldeias em cavernas no deserto aberto, chamadas de *sietch*, cada uma governada por um *naib*, os líderes fremen, alguém que jurou nunca ser capturado vivo pelo inimigo e geralmente uma pessoa mais velha e

¹⁰⁷ Os responsáveis pela viagem espacial. Os Navegadores da Guilda sofreram mutações genéticas devido ao consumo excessivo da especiaria e passaram a ser capazes de enxergar os caminhos viáveis de viagem entre planetas pelo universo colonizado.

mais sábia. A sobrevivência faz parte da cultura fremen, e para eles, o principal elemento da vida é a água, tão escassa no planeta desértico. A relação dos fremen com a religião é intrínseca, ou seja, o deserto faz parte deles, assim como os elementos presentes nele, como o verme, e mais precisamente aqui caracterizado na figura de *Shai-Hulud*¹⁰⁸, a entidade suprema femem.

Frank Herbert pôs nos fremen vários elementos de culturas e religiões diferentes, misturando o budismo zen, com o islamismo e o cristianismo, e a partir dele, ele foi capaz de construir uma religião verdadeiramente ligada às nossas da vida real, e como resultado, fez um livro com um povo magnífico que pode ser analisado a partir de uma perspectiva histórica, a partir de comparações que podemos fazer com o que é abordado no campo da ficção, e com a realidade do tempo presente.

Depois de seu primeiro lançamento em 1965, *Duna* alcançou um público não apenas interessado em temáticas de ficção científica, mas também de política, religião e meio ambiente, e todos os pormenores que acompanham esses temas, principalmente nos dias atuais que vivemos, com o aumento da desigualdade social, as mudanças climáticas extremas, as guerras religiosas e territoriais, sustentadas de forma muito estratégica pelo capitalismo selvagem que permeia nossas vidas e que é pautado, principalmente, no consumo e na disparidade entre as classes.

No presente artigo, o objetivo principal é responder às questões-problemas que abordarei aqui, através de comentários com foco na religião fremen e a sua ligação com a ecologia. Apesar de *Duna* tratar de diversos outros aspectos, focarei nesses em específico pois um artigo precisa de recortes.

A partir disso, levanto dois questionamentos: “Como *Duna*, um livro de ficção científica, pode ser pensado a partir de uma perspectiva histórica?” e “Como eu, como professora, posso aplicar *Duna* no ensino básico de História em sala de aula?”, visto que como professores, devemos saber incluir os alunos nos conteúdos que devem ser passados em sala, tornando a aula interativa e

¹⁰⁸ Mais esclarecimentos acerca dessa figura serão feitos ao longo do artigo.

inclusiva, e uma boa maneira de fazer isso, é inserir elementos da cultura pop, como uma ficção científica de sucesso, por exemplo, que crianças e adolescentes tem consumido cada vez mais.

Assim, trabalho com dois autores com teorias chave para começar a responder essas perguntas: Fernand Braudel e Max Weber. Fernand Braudel devido ao conceito de longa duração trabalhado em *O Mediterrâneo* e Max Weber com suas concepções acerca da religião trabalhadas em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, que de acordo com ele, é fonte de concepções de mundo e reguladora de comportamentos.

Aqui, a religião fremen em *Duna* será o meu objeto de análise, apoiado nas teorias de Braudel e Weber, tendo em vista que a religião e a geografia do planeta influenciam diretamente na cosmologia fremen. Sem ela, os fremen não seriam como são e sim outra coisa. Por fim, discorro sobre a importância de trabalhar ficção científica e elementos da cultura pop como um todo dentro da sala de aula no ensino básico, a partir de uma perspectiva histórica.

METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida neste artigo foi a de pesquisa bibliográfica, utilizando a fonte primária, o livro *Duna* (1965), de Frank Herbert e as fontes secundárias, artigos e monografias que tratam do tema. Neste artigo, eu busco entender os fremen e sua relação com a religião, ao mesmo tempo que com a geografia, utilizando os teóricos Max Weber e Fernand Braudel, a partir de um recorte de tempo e espaço dual: Arrakis, 10 mil anos depois de uma guerra que destruiu todas as máquinas autônomas, o *Jihad Bluteriano*, e o mundo que vivemos hoje, que é permeado por acontecimentos parecidos com o de *Duna*: colonização, guerra, exploração de recursos naturais e crises ambientais.

De acordo com Perpétuo (2018), o ano de 1965 foi marcante para a ficção científica, sendo um momento de transições. Uma das principais, segundo ele, foi a substituição cada vez maior por livros no formato de brochura, que passaram a ser vendidos pelo mesmo preço dos de capa dura.

Além disso, também houve outra mudança de caráter temático: a ficção científica passou a se distanciar cada vez mais do modelo que Perpétuo chama de “ciências mecânicas” e flertar com as ciências sociais. Sendo assim, *Duna* é um exemplo que se encaixa perfeitamente quando falamos dessa transição.

Alicerçado em *Duna*, uma obra de ficção científica, é possível abordar dentro de sala de aula diversos elementos que são tratados no livro e que vivemos no nosso cotidiano. Portanto, escrevo este artigo com o intuito defender e colaborar com as iniciativas que vêm aparecendo recentemente visando a inclusão de elementos da cultura *pop* em sala de aula, objetivando aproximar os alunos dos temas que temos que trabalhar, como a colonização do continente americano, onde, por exemplo, eu posso falar da colonização imperial sobre os planetas-feudo presentes em *Duna*. Não só isso, como também tentarei responder os questionamentos feitos na introdução, visando esclarecer de forma mais contundente o conteúdo deste artigo.

A RELIGIÃO FREMEN: A ÁGUA, A ESPECIARIA E O COMBATE

A obra *Duna* é permeada por diversos elementos que podemos analisar a partir de uma perspectiva histórica e comparada, dentro e fora da sala de aula. Para nós professores, a utilização de elementos da cultura *pop* dentro das escolas é um ótimo instrumento didático. A partir de *Duna*, podemos debater em sala o imperialismo, o sistema feudal, a ecologia, a religião e diversas outras coisas.

Em Arrakis, há um povo criado ficcionalmente que podemos, se quisermos, comparar com muitos da vida real. Seus cultos, sua cultura, suas guerras, sua filosofia, sua história, nos dá a oportunidade de analisar e compreender muitas temáticas que nos cercam, que Frank Herbert cuidadosamente criou e resultou nos fremen.

Os fremen são atravessados pelas duplas água-especiaria e deserto-*Shai-Hulud*, onde um não existe sem o outro. A especiaria, também conhecida como *mélange*, é a substância mais valiosa do universo, porque não se produz em nenhum outro lugar, e apesar de tentativas, não foi possível recriá-la em nenhum

outro planeta, visto que não pode ser concebida sem o verme da areia, existente apenas em Arrakis.

Ela é criada a partir de uma etapa da vida dos vermes de areia, quando eles se alimentam de restos orgânicos nas profundezas do deserto e em consequência disso, produzem o que no universo de Duna é chamado de massa pré-especiaria, que ao se acumular, forma bolhas de pressão e aos poucos vai subindo para a superfície e lentamente reage ao calor desértico, causando uma explosão, que resulta no *mélange*.

Esse processo faz com que a extração de especiaria seja altamente perigosa, tendo em vista as explosões que ocorrem durante o processo, mas também cara, considerando todo o gasto em equipamentos e mão de obra que é necessário para a retirada desse recurso natural, que João Lima (2023) compara com o petróleo, ao falar de ecocrítica, o estudo da literatura e sua relação crítica com o meio ambiente, onde *Duna* se encaixa perfeitamente.

A extração de especiaria é realizada usando uma lagarta, o nome da máquina que é capaz de extrair a substância, mas operada por muitos homens, que durante o trabalho correm o risco não apenas da explosão, mas também do aparecimento de vermes, que são atraídos pelo barulho rítmico que o aparelho faz.

O verme da areia é uma das figuras centrais no universo de *Duna*, pois sua versão gigante é adorada como um deus, o *Shai-Hulud*, também conhecido como o “Velho do Deserto”, o “Velho Pai Eternidade”, “O Criador” e o “Avô do Deserto”. Os fremen têm um grande respeito por *Shai-Hulud*, considerando-o não apenas um elemento do ecossistema arrakiano, mas uma entidade sagrada, cercada de profundidade espiritual. Ele representa a força, o equilíbrio e é mais um componente que demonstra o *tau* fremen, a unidade da comunidade *sietch*. Um trecho do livro que expressa bem essa relação é quando o planetólogo¹⁰⁹

¹⁰⁹ O ecologista de Duna, a pessoa designada pelo império como juiz para auxiliar na transição da casa Harkonnen a casa Atréides.

Liet-Kynes, ao ver um verme a caminho de onde ele estava após ser atraído por uma lagarta, recita:

“Bendito seja o Criador e sua água - Kynes murmurou - Benditas suas idas e vindas. Que Sua passagem purifique o mundo. Que Ele conserve o mundo para o Seu povo” (HERBERT, 1965, p. 170).

Portanto, Arrakis é cercado por um grande problema ambiental, conectado à existência do verme, que produz a especiaria: a água no planeta é escassa, fazendo com que os fremen precisem se adaptar às condições extremas do planeta, desde a sua vestimenta, até a comida que comem. Devido à escassez de água, os fremen veem esse elemento como sagrado, e até a água do corpo deve ser preservada e cuidada de forma que não seja desperdiçada. Para eles, a água presente no corpo de uma pessoa pertence a todos da tribo, então quando essa pessoa morre, a água do corpo dela é guardada no chamado tanque de captura, uma espécie de reservatório comunitário, o que reflete a importância da coletividade e o senso de sobrevivência de um povo que vive em um ambiente extremamente hostil.

Para Braudel, a geografia de um lugar está intimamente ligada com o povo que habita o meio, e a partir dela, como instrumento, podemos analisar o desenvolvimento das sociedades, já que é uma espécie de força que atua de forma longa e duradoura no mundo inteiro. Ela influencia não só os padrões de vida, mas também seus aspectos econômicos e culturais.

Com isso, podemos olhar para os fremen como um povo que faz parte de um cenário que é estruturado há milhares de anos, levando em consideração as condições naturais do planeta Duna, como os vermes gigantes, a especiaria e a falta de água. Contudo, a geografia estabelece o que podemos chamar de palco, mas são as ações humanas, a exploração e os eventos históricos que constroem o todo (Braudel, 1949).

Sendo assim, a partir dessas colocações, é possível compreender que as duplas água-especiaria e deserto-*Shai-Hulud* são indissociáveis tendo em vista a religião fremen, e podemos perceber que a afirmativa de Weber sobre a religião ser social e suas representações serem coletivas é totalmente cabível no exemplo fremen, já que os elementos do deserto fazem parte deles e vice-versa.

O que um faz, influencia na comunidade inteira, o que acontece de forma literal, já que a especiaria une os indivíduos da tribo no *tau*, onde todos tem um tipo de conexão mental. Então, temos a sacralidade maior representada na figura de *Shai-Hulud*, e posteriormente, junto com o deus verme, Paul Atreides, que é reconhecido e chamado de *Mahdi*¹¹⁰ pelos fremen, logo que chega em Arrakis. A figura de Paul expressa o messianismo presente na trama, que foi criado através de propósitos políticos pelas Bene Gesserit.

ISLAMISMO E MESSIANISMO EM DUNA: O USO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Logo no início da obra, é possível perceber que o povo fremen carrega consigo muitos elementos do Islamismo. Frank Herbert construiu o povo de *Duna* de forma fictícia, mas inspirada nos povos habitantes do deserto na época de Maomé e utiliza de um vocabulário árabe presente em todo o livro, em palavras como *Mahdi*, *Muad'Dib*, *Jihad*, *ayat*, *aulya*, *Lisan Al-Gaib*, *Alam al-Mithal*, *al-Lat* e muitas outras, todas definidas na Terminologia do Imperium no final do livro, algumas com o seu significado real, outras ressignificadas pelo autor. Esses elementos são expostos em trechos como:

“O planeta abrigava um povo que vivia na orla do deserto, sem *caid* nem *bashar* que os governasse: um povo arisco chamado fremen, sem registros nos censos da régata imperial” (Herbert, *Duna*, 1965).

Em outros momentos, alguns personagens falam frases inteiras derivadas de fontes árabes, geralmente religiosa, como: “*Onsar akhaka zeliman aw maslumen!*” (Herbert, *Duna*, 1965). Jessica, uma Bene Gesserit e a mãe de Paul Atreides, faz essa citação quando os fremen reclamam da mudança ecológica de seu planeta e originalmente é uma frase do próprio Maomé, que significa “Apoie seu irmão, seja ele o opressor ou o oprimido”, de acordo com a tradução de Mansur Peixoto.

¹¹⁰ Nas lendas messiânicas dos *fremen*, é aquele que os levará ao paraíso, a pessoa que provocará a mudança ecológica no planeta *Arrakis*, representado na figura de *Paul Muad'Dib*, aqui comparado com Maomé.

Contudo, *Duna* não carrega apenas simples palavras árabes islâmicas, mas também conceitos, significados e até mesmo figuras religiosas que podemos aproximar dessa religião, como Paul Muad´Dib, antes Paul Atreides, herdeiro da casa Atreides e do planeta feudal Arrakis.

Dessa forma, o messianismo presente em *Duna* se deve ao fato de que a presença de Paul Atreides já era aguardada antes mesmo de ele nascer, pois os fremen aguardavam por uma profecia a se concretizar: o aparecimento do *Mahdi*, quem levaria a transformação ecológica do planeta e o fim da exploração dos fremen. Essa profecia foi implantada pela Missionaria Protectora das Bene Gesserit, as sementeiras de superstições, feitas com o propósito de facilitar o acesso e exploração dos povos presentes nos mundos colonizados, o que demonstra mais um elemento em *Duna* viável de se trabalhar em sala de aula; a colonização, que é feita não só pelos Harkonnen e o Imperium, mas também pela ordem religiosa Bene Gesserit.

Não só isso, como também acontecimentos históricos como o desaparecimento de Dom Sebastião na guerra de *Alcacér-Quibir*, que é cercado por um movimento profético e messiânico que surgiu em Portugal no século XVI, visando a sua volta e a salvação de Portugal, porém disseminado propositalmente para que o povo acreditasse e tivesse algo para se apoiar (Macedo, 2011), e também a colonização dos territórios hoje chamados de América, que resultaram na extração de recursos e exploração desenfreada dos povos nativos que já estavam presentes no continente.

É importante ressaltar que Dom Sebastião ressurgiu no Maranhão, mais precisamente na Ilha dos Lençóis, como um encantado do tambor de mina, religião de matriz africana. Isto é, a partir de uma ficção científica como *Duna*, podemos e devemos abordar as histórias locais de nosso país.

Posto isto, podemos perceber que *Duna* é religião e história do início ao fim, influenciada principalmente pela cultura islâmica e pelo idioma árabe. Não só por ela, mas também por todas que guardam um messias, ou vários, em seu credo. Paul Muad´Dib pode ser tanto Maomé, quanto Jesus, ou seja, podemos facilmente falar de *Duna* durante aulas de História sobre religião, a Antiguidade,

o Oriente, o colonialismo religioso e Idade Média, pois estimula uma prática pedagógica inovadora, como também a atenção dos alunos (Silva, Kopstein, 2020).

RESULTADOS E CONCLUSÃO

Sendo assim, a partir dessas colocações, é possível compreender que *Duna* é sobre o ser humano inserido no meio político, religioso e em meio a uma crise ambiental. E que apesar de ser um livro de ficção científica, em um futuro distante do nosso, podemos perceber que a obra não é tão longínqua assim de nossa realidade. Ela expressa, de forma contundente, a relação entre o ser humano e o ambiente que o cerca, e não só isso, como também como o imperialismo, a colonização e a geografia de um lugar que molda as comunidades.

Assim como Marx Weber versa em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, é o coletivo que forma o indivíduo, a religião surge a partir de um todo, que é comunitário, mas que permeia todos os indivíduos.

Também como Braudel, que analisa os acontecimentos a partir de uma longa duração, e utiliza a geografia do Mediterrâneo como motor para muitos acontecimentos nessa região durante o período que ele aborda. Em *Duna*, é possível olhar para *Arrakis* a partir de uma perspectiva coletiva, que tem a geografia como condicionante, assim como também o colonialismo, a religiosidade e a violência presentes o tempo inteiro.

Portanto, tendo em vista esses elementos, podemos também falar sobre *Duna* no contexto do ensino de História em sala de aula, visto que é de grande importância aproximar os alunos do conteúdo de forma inovadora e interessante, já que os alunos cada vez mais recebem influências externas através das redes sociais, e que podem acabar perdendo mais ainda o interesse pelos conteúdos de história.

É por isso que podemos utilizar *Duna*, uma ficção científica, dentro das escolas, pois seu universo, apesar de ficcional, aborda centenas de assuntos que fazem parte dos conteúdos de história no ensino básico, como a religião e

religiosidade, a guerra, o Oriente, imperialismo, feudalismo e por último, mas não menos importante, o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

Documentação

HERBERT, Frank. *Duna*. São Paulo: Aleph, 2017.

Bibliografia

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. São Paulo, Edusp, 2016.

HERBERT, Brian. *Dreamer of Dune: The Biography of Frank Herbert*. *Tor Books*, Nova Iorque, 2003.

IMMERWAHR, Daniel. *The Quileute Dune: Frank Herbert, Indigeneity, and Empire*. *Journal of American Studies*, Cambridge, 2021.

KOPSTEIN, Marcos; SILVA, Marcio. **A obra de ficção científica *Duna* e a Idade Média: a utilização da literatura como incentivo para o ensino de história**. *História UNICAP*, Passo Fundo, v. 7, n. 13, jan./jun. de 2020.

LIMA, João. **Capitalismo, sustentabilidade e sobrevivência: uma análise ecocrítica de *Duna*, de Frank Herbert**. Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades, Campina Grande, 2023.

MACEDO, José Rivair. "Sobre a Idade Média Residual no Brasil". In: MACEDO, José Rivair (org.). **A Idade Média Portuguesa e o Brasil: reminiscências, transformações, ressignificações**. Porto Alegre: Vidrágua, 2011, p. 9-20.

PERPÉTUO, Willian. **Formas elementares da vida alienígena: sagrado e profano em *Duna* (1965), de Frank Herbert**. *Relegens Thréskeia*, Paraná, V. 07, N. 1 (2018) – pp. 123 a 149. Acesso em: 10/12/24.

SCHWARTZ, Susan L. **A teaching review of *Dune*: religion is the spice of life**. *Implicit Religion*, 2014, Vol 17, Issue 4, p. 533.

DITOMMASO, Lorenzo. **History and Historical Effect in Frank Herbert's "Dune"**. Science Fiction Studies, Vol. 19, N. 3, p. 311-325, 1992.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Companhia das Letras, São Paulo, 1ª ed., 2004.